

# LINGUAGEM E IDENTIDADE DE PESCADORES DO LAGO DE ITAIPU



Foto: Robson Lavardi

Clóvis Alencar Butzge\*

A pesquisa intitulada *Linguagem e identidade de pescadores do Lago de Itaipu*<sup>1</sup> constitui-se num estudo de caso etnográfico sociolinguístico sobre as relações entre linguagem e identidade na comunidade de pescadores profissionais do Município de Santa Helena, Estado do Paraná, Brasil. Esses trabalhadores atuam no Lago de Itaipu, formado em 1982 a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional, entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai.

O corpus da pesquisa é composto por entrevistas gravadas entre 2003 e 2005, as quais versam sobre a história de vida de pescadoras e pescadores, coletadas a partir de visitas de campo realizadas através do projeto de pesquisa *Trajetórias sociais e trabalho na fronteira: estudo de caso dos pescadores de Santa Helena/PR*<sup>2</sup>, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon.

O projeto culminou com a produção de uma dissertação de mestrado, orientada pelo professor Dr. Ciro Damke e defendida junto ao Curso de Pós-Graduação em Letras - Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Unioeste. É um relato do desafio de desenvolver essa pesquisa que apresentaremos aqui.

Ao entrarmos na comunidade de pescadores de Santa Helena para realizarmos nossa pesquisa, imediatamente percebemos o tamanho do desafio de tentar interpretar um grupo social, mesmo estando nosso olhar direcionado apenas para as dimensões lingüística e identitária desta comunidade. A compreensão de que não poderíamos produzir uma interpretação coerente e profunda sem antes entender a comunidade como um todo, para aí sim entendê-la nas dimensões selecionadas, levou-nos a estudar o seu contexto sócio-histórico-geográfico, o que pressupunha entender a região Extremo-Oeste, especialmente o município de Santa Helena. Sabemos que, por si só, esse objetivo já seria suficiente para uma dissertação, por isso denominamos panorama sócio-histórico-geográfico o levantamento que produzimos, o qual nos forneceu subsídios para compreender como se deu o processo de formação da categoria e da comunidade, especialmente com o advento do Lago de Itaipu.

Outro desafio foi a coleta e transcrição dos dados. A entrada em campo sempre é decisiva para o sucesso ou fracasso de uma investigação etnográfica. Podemos dizer que, apesar dos percalços estruturais e metodológicos, conseguimos<sup>3</sup> realizar um trabalho de campo que nos proporcionou um corpus riquíssimo através das entrevistas gravadas e do contato humano e material. Essas atividades possibilitaram-nos constatar in loco a realidade social da comunidade de pescadores, o que garantiu análises mais factíveis e fidedignas das narrativas.

A revisão da literatura sobre linguagem e identidade também foi de grande valia, à medida que proporcionou a compreensão de como a identidade se dá na e pela linguagem, já que o processo de identificação é de natureza simbólica e associado ao processo de

representação que o sujeito faz de si e do mundo que o cerca<sup>4</sup>. A compreensão de que vivemos numa época em que a identidade não é mais concebida como uma e sim como multi e que essa diversidade identitária nos leva a viver um descentramento ajudou a entender porque os sujeitos em foco revelam conflitos de identificação com sua realidade como pescadores.

A aceitação de que podemos portar várias identidades e que estas são construídas simbolicamente através da linguagem, especialmente pela marcação da diferença entre o eu e o outro<sup>5</sup>, nos fez acreditar que lendo as narrativas orais dos entrevistados poderíamos trilhar um caminho que nos possibilitasse entender um pouco de suas identidades. Dessa forma, as narrativas não podiam ser lidas como textos isolados de seu contexto de produção, seja o contexto imediato (da interação face a face entre entrevistador e entrevistado), seja o contexto mais amplo (descrito no panorama sócio-histórico-geográfico da comunidade de pescadores)<sup>6</sup>. Estávamos, portanto, frente a frente com discursos, narrativas que construam a trajetória de vida dos sujeitos estudados<sup>7</sup>, que revelavam processos de rememoração, de esquecimento, de seleção, de ênfase, de avaliação, enfim, processos que revelavam o sujeito ao mesmo tempo lendo a si e ao mundo e narrando isso aos entrevistadores. Estes, por sua vez, eram encarados, pelos entrevistados, como caixas de ressonância que levariam adiante a história de vida do sujeito e a realidade da comunidade de pescadores, contada a partir do ponto de vista do entrevistado, mas analisado pelo olhar do pesquisador.

Buscamos convergir concepções teóricas e metodologias de diferentes áreas do conhecimento para nosso foco de estudo, tentando fazer com que dialogassem entre si e oferecessem uma perspectiva científica que valorizasse o ser humano e as particularidades da comunidade. O objetivo disso é conseguir que a teoria ajude a explicar a realidade e não conformar a realidade à teoria, o que geraria uma distorção da realidade e apenas serviria para justificar teorias nem sempre confiáveis<sup>8</sup>.

As narrativas orais nos permitiram transitar no sinuoso campo da identidade. As experiências de vida, as trajetórias, as idéias e ideais dos pescadores, seus desejos e inquietações, são desvelados à medida que ouvimos suas narrativas e procuramos entender, a partir de seus pontos de vista, a realidade que os cerca. Percebemos que através da linguagem há um constante manifestar das identificações dos sujeitos e ainda um exercício contínuo de construção dessas identidades.

Ao discutir o processo de vir a ser pescador, pudemos observar que a inserção na pesca em diferentes momentos históricos também produz identificações diferentes. Os pescadores do Rio Paraná gostariam que voltasse o tempo da pesca abundante de peixes maiores e mais valorizados que precedeu o Lago de Itaipu. Já alguns pescadores que iniciaram sua atividade com o Lago de Itaipu preferiam que voltassem as terras perdidas pela família ou o trabalho que foi extinto com elas, enquanto outros sentem falta da pesca no início do Lago, mais abundante que a atual. Novos pescadores, os quais não têm referência com o momento histórico de formação do Lago de Itaipu, revelam que buscaram na pesca uma alternativa de sobrevivência porque não tiveram outra alternativa de trabalho. Pudemos observar ainda que há uma predominância masculina na profissão de pescador e as mulheres pescadoras, quase que invariavelmente, entraram na pesca através dos pais ou maridos e são tratadas com o estatuto de ajudantes.

Observando a linguagem dos pescadores, pudemos constatar que está em construção um socioleto da pesca, ou seja, um dialeto social da comunidade de pescadores que pressupõe um tecnoleto, mas vai além dele. Observando o léxico utilizado nas narrativas pelos entrevistados, constatamos que expressões para designar o ambiente, os instrumentos, a prática e a organização pesqueira apontam para a formação de um universo da pesca e não apenas para uma mera tecnologia pesqueira. Podemos dizer que o vocabulário da pesca é fruto da necessidade destes sujeitos interagirem com seus pares e também com a sociedade, levando-os, aos poucos, a construir um socioleto próprio, fruto de neologismos, ressignificações e empréstimos lingüísticos.

Reservamos um capítulo da dissertação para discutir a percepção dos entrevistados quanto à existência ou não de preconceito sobre a profissão de pescador e, por correspondência, sobre a sua linguagem. Vários depoimentos nos levaram a deduzir que os pescadores profissionais sentem-se discriminados, especialmente em função de sua condição financeira, por a pesca ser pouco produtiva e os posicionam como classe econômica baixa. Também percebemos uma forte reação à visão estereotipada de que pescador tem vida mansa e que o trabalho da pesca é prazeroso, visão rechaçada por todos entrevistados, os quais afirmam ser muito sofrido “sobreviver” da pesca. Defrontamo-nos também com exceções, pois alguns pescadores afirmam que não há problema de discriminação e que inclusive fizeram amigos e conhecidos através da atividade, mas mesmo esses refutaram a idéia de que viver da pesca é fácil.

O preconceito lingüístico também pode ser observado entre os pescadores, mas diferente da reação deles quanto à discriminação ao seu trabalho, o preconceito lingüístico revelou-se como auto-preconceito. Ou seja, a avaliação negativa da sociedade para com as variantes lingüísticas que não se encaixam no ideal gramatical-escolar foi absorvida pelos pescadores e gerou uma atitude de auto-reprovação sobre seu falar, revelando a violência simbólica vivida pela maioria dos brasileiros, os quais não são “privilegiados” lingüisticamente<sup>9</sup>.

Os pescadores revelaram ainda auto-preconceito quanto à sua pouca escolaridade, o que os insere no grupo dos não-competentes, conforme a “ideologia da competência”. A constante reclamação dos entrevistados dizendo que não tiveram oportunidade de estudar e que para os filhos querem estudo digno revela o sentimento de não-pertencimento ao mundo especializado. Além de ser questionável a idéia de competência, esta ideologia revela um cenário de desigualdade extrema e que lesa o indivíduo num dos mais elementares princípios da democracia: a liberdade de expressão. Pudemos constatar que o sentimento de não-competência levou alguns entrevistados a utilizar o discurso de outrem para dizer o que eles mesmos já sabiam, porém não com a mesma credibilidade. Outros procuraram fazer uso de sua proximidade como os autorizados para qualificarem-se como competentes e credibilizarem-se. Já outros, assumindo uma postura de ruptura, confrontaram o discurso competente, mas tiveram cuidado para fundamentar sua própria competência em sua experiência de vida, ou seja, na falta da escola institucional recorreram à “escola da vida”.

O cenário desfavorável quanto à profissão, à linguagem e à formação institucional, levou os pescadores e pescadoras do Lago de Itaipu a estigmatizarem-se. Por mais que relutem, afirmem gostar da pesca, reivindicarem melhores condições de trabalho, exijam respeito à profissão, subvertam os discursos autorizados, a maioria dos pescadores não quer que seus filhos continuem na profissão. Enquanto os pais da maioria dos entrevistados ou eles mesmos, numa época em que a região ainda era coberta por florestas, viajaram centenas de quilômetros para conseguir terras e legar aos herdeiros a possibilidade de continuar na profissão agrícola, os agora pescadores e pescadoras sonham em não ter de transmitir geracionalmente a



Foto: Robson Laverdi

profissão da pesca. Esse fato, por si só, demonstra que o estigma de ser pescador está incrustado em sua comunidade, revelando-se, no sonho de dar outro futuro aos filhos, a desesperança para com a profissão em que atuam. Apesar da relutância, muitos filhos já sucedem os pais na pesca, e provavelmente muitos netos seguirão a profissão, construindo aos poucos uma tradição dessa arte e que talvez funde uma visão positiva da pesca no Lago de Itaipu, o que terá mais chance de acontecer se a sociedade brasileira conseguir aprofundar (ou fundar?!) sua democracia.

Nossas investigações confirmam a expectativa de que a linguagem é o constructo principal da identidade. As narrativas orais dos entrevistados revelaram-nos aspectos que compõem a identidade social de ser pescador: o recurso à memória, as estratégias discursivas, os silenciamentos, as repetições, as denúncias, a marcação da diferença, enfim, o uso de todo um conjunto de instrumentos associados à linguagem foi utilizado pelos narradores. A possibilidade legada pela linguagem ao sujeito de refletir sobre si e seu mundo, de organizar simbolicamente as representações que faz a partir de suas reflexões e ainda de dar publicidade à sua trajetória de vida, aos seus posicionamentos, às suas avaliações, enfim, a possibilidade que a linguagem lega ao indivíduo para que esse se constitua como sujeito de seu discurso evidencia que é através da linguagem que o sujeito

## Notas

\* Mestre em Letras pela Unioeste e professor colaborador do Curso de Letras da Unioeste Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: clovispr\_2000@yahoo.com.br

BUTZGE, Clóvis Alencar. Linguagem e identidade de pescadores do Lago de Itaipu. Dissertação de Mestrado em Letras. Professor Orientador Dr. Ciro Damke. Cascavel: Unioeste, 2006.

LAVERDI, Robson (Coord.). Trajetórias sociais e trabalho na fronteira: estudo de caso dos pescadores de Santa Helena/PR. Marechal Cândido Rondon: Unioeste Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras. Projeto de Pesquisa, agosto/2003 a julho/2005.

Nesse “nós” se insere toda equipe do projeto de pesquisa “Trajetórias sociais e trabalho na fronteira”.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 7-70.

WOODWARD, 2003. Op. cit.; SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 73-102

MAINGUENEAU, D. Elementos de lingüística para o texto literário. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência. In: \_\_\_\_\_. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

As aspas são usadas para dizer que na verdade a maioria dos brasileiros não é respeitada lingüisticamente.

CHAUÍ, M. O que é Ideologia. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Brasiliense, 2003.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988; ELIAS, N. & SCOTSON, J. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.